



3,6%

DO PIB É A PROPORÇÃO DO DÉFICIT DAS  
TRANSAÇÕES CORRENTES DO BRASIL EM RELAÇÃO AO PIB  
NO ACUMULADO DE 12 MESES ATÉ AGOSTO DESTA ANO

**Se o mundo não absorve seus  
produtos do jeito que fazia, você  
acaba tendo uma balança  
comercial cada vez pior.**

**Cristiano Souza**  
Economista do Santander



Jornal do Comercio

6

QUARTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 2013

5,5

4

130

BILHÕES DE  
dólares foi o rombo das  
contas externas do Brasil  
em agosto deste ano,  
mais que o dobro do déficit  
registrado em igual mês do  
ano passado

PONTOS  
percentuais do PIB era  
quanto a taxa de poupança  
dos países mais pobres  
estava acima da brasileira  
em 2009, de acordo com  
estudo da FGV

BILHÕES DE  
reais foi a necessidade de  
financiamento do País no  
ano passado, superior aos  
cerca de R\$ 100 bilhões  
verificados em 2011,  
segundo cálculos do IBGE



## Balanço de pagamentos

# O desafio de manter contas externas saudáveis

MARTA VALIM

**B**asta uma rápida olhada no gráfico de conta corrente ao lado para perceber que as contas externas do Brasil não estão nada bem. O indicador registrou saldo de 2003 a 2006. Desde 2007, porém, só apresenta déficits. A conta de transações correntes, como também é conhecida, reúne os números da balança comercial (exportações e importações), o resultado da balança de serviços e as transferências unilaterais. Quando está deficitária, significa que o Brasil está tomando mais recursos externos do que recebendo. “O que fez a gente mudar em relação às contas externas naquele breve período de 2004 a 2006 foi o boom de commodities, que gerou superávit”, lembra Cristiano Souza, do Departamento Econômico do Santander. “Parte da balança comercial não é controlada, é dada pelo cenário mundial que está fraco, mas a importação está ligada a desequilíbrios macroeconômicos que a gente tem e à tentativa da nova matriz econômica de estimular a demanda e não a oferta”, explica Cristiano.

**E**ste ano o cenário deve piorar ainda mais. É o que mostram os dados do Banco Central publicados recentemente. O déficit em transações correntes somou US\$ 5,5 bilhões em agosto – mais do que o dobro do resultado negativo de igual mês do ano passado. Nos últimos 12 meses as transações correntes acumularam déficit de US\$ 80,6 bilhões, o equivalente a 3,6% do PIB.

“Se o mundo não absorve seus produtos do jeito que fazia, você acaba tendo uma balança comercial cada vez pior, com déficit de serviços, que é estrutural. O resultado é que temos déficit de conta corrente caminhando para patamares que a gente não via há dez anos”, aponta Cristiano Souza.

Analistas avaliam que é cedo ainda para saber com certeza em qual patamar vai chegar o déficit em conta corrente. “Eu acredito que um déficit em conta corrente em torno de 2% a 2,5% do PIB não vai causar grandes problemas para as contas externas”, afirma o economista Mansueto Almeida, do Ipea.

O economista do Santander tem opinião semelhante: “Estamos voltando para uma situação que para o Brasil historicamente é normal, não é um patamar de crise”, avalia Cristiano Souza. “A gente fez uma coisa muito certa, durante esse período de liquidez alta e preços das commodities elevados, que foi gerar um grande patamar de reservas internacionais. É um colchão enorme de sustentação do lado externo”. Para compensar o

**Eu acredito que um déficit em conta corrente de 2% a 3% do PIB não vai causar grandes problemas para as contas externas**

**Mansueto de Almeida**  
Economista do Ipea



## É fundamental aumentar a poupança interna

Resposta rápida: entre gastar e poupar, o que você prefere? Se você optou por gastar, não se preocupe. A maioria das famílias no Brasil também tem o mesmo comportamento: escolhe consumir em vez de poupar. É uma cultura que, em larga escala, tem efeito no que os especialistas chamam de poupança interna, a soma da poupança privada (famílias e empresas) com a do setor público.

De acordo com dados do IBGE, a taxa de poupança em 2012 foi de 14,8%, a menor desde 2002, quando ficou em 14,7%. Com isso, no ano passado, a necessidade de financiamento foi de R\$ 130,1 bilhões, superior aos R\$ 100,9 bilhões registrados em 2011.

O problema é que um país com baixa poupança doméstica, como é o caso do Brasil, fica dependente dos recursos externos e isso pode deixar a economia vulnerável a choques internacionais.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicou um estudo sobre o assunto. A conclusão é reveladora: mostra que o Brasil poupa hoje menos do que na década de 1970. “O maior problema que eu vejo hoje no País é uma poupança baixa com déficit em conta corrente elevado”, alerta Mansueto Almeida, do Ipea.

Ainda de acordo com o estudo da FGV, em uma comparação internacional a partir da década de 1990, a

poupança doméstica brasileira se situou no extremo mais baixo de uma ampla amostra de países. De 1995 a 2009, quando flutuou entre um máximo de 18% e um mínimo de 12%, a poupança nacional ficou praticamente todos os anos abaixo da média de cada um dos continentes. A partir de 1996 a trajetória da poupança brasileira segue aproximadamente a média dos países de renda mais baixa. E em 2009, a poupança dos países mais pobres estava quase quatro pontos percentuais do PIB acima da brasileira.

“A gente passou todo esse período de crescimento maior de 2000 até 2010, mas a poupança no Brasil não aumentou muito”, conclui Mansueto Almeida.

Quem defende o aumento da poupança interna não quer um cenário de forte redução do consumo e drástica queda das despesas do governo, o que poderia levar a um ciclo perverso: menos consumo impacta nas vendas das empresas, que reduzem a produção, o que provoca desemprego e, por fim, queda da atividade econômica.

O que muitos economistas defendem é um gradativo crescimento na taxa de poupança do Brasil, para que, em médio e longo prazos, seja aumentada a capacidade de financiamento sem impacto inflacionário e sem desequilíbrio no balanço de pagamentos.



14,6%

foi a taxa de poupança no ano passado, a menor desde 2002, quando ficou em 14,7%. Segundo estudo da FGV, a poupança doméstica se situou no extremo mais baixo de uma ampla amostra de países



## Fluxo de Investimento Estrangeiro Direto (IED)

Em US\$ milhões



deficit, o Brasil precisa cada vez mais de Investimento Estrangeiro Direto (IED). O prejuízo nas transações correntes é financiado pela entrada de capital no País.

O pesquisador da UFRJ Norberto Martins afirma que para manter as contas externas saudáveis é “necessária uma política fundamentada em dois passos: no curto prazo, a redução da taxa Selic já seria capaz de diminuir as remessas de juros aos investidores estrangeiros; no médio prazo – e levaria um período maior de tempo para ajuste – uma política industrial bem definida poderia contribuir sobremaneira para a melhoria das con-

tas, em especial, da balança comercial”.

A partir de 2007 ocorreu uma forte entrada líquida de investimentos estrangeiros, tanto os diretos em empresas, como os investimentos em títulos e ações no Brasil. O fluxo líquido de capital superou em larga medida o déficit das transações correntes. “Acredito que se a gente fizer o dever de casa, o Brasil aumentará a taxa de investimento, começará a fazer reformas, e crescer em torno de 3% a 3,5% ao ano, a perspectiva de investimento externo é bastante positiva”, avalia Mansueto Almeida. Isso, porém, tem um lado negativo: a dependência do País do investimento estran-

geiro. Se o fluxo diminuir pode desequilibrar ainda as contas externas brasileiras.

Outros analistas apontam que o maior risco para o País agora é a possível transição de uma situação de abundância de capital para outra em que pode ocorrer escassez. Nesse cenário, o Brasil poderia ser prejudicado com a redução do investimento estrangeiro e, consequentemente, um forte desequilíbrio nas contas externas.

### PISTAS DE UM NOVO AMBIENTE

internacional pós-crise podem ser encontradas na preocupante desaceleração da economia chinesa com seus impactos sobre as exportações brasileiras, e uma possibilidade cada vez mais concreta da reversão da política monetária americana, que tem injetado bilhões de dólares mensais no mercado para ajudar os Estados Unidos a consolidar a taxa de desemprego.

Uma eventual elevação da taxa dos juros americana vai atrair pelo menos parte do capital que circulou pelos países emergentes nos últimos anos em busca de melhor rentabilidade. “O Brasil vai ter que conviver com um cenário de que o mundo não o financie tanto”, prevê Vinícius Botelho, professor da FGV.

Os números do balanço de pagamentos do Brasil, registro contábil de todas as transações econômicas e financeiras de um país com outros, estão piorando, e a questão do equilíbrio das contas externas já é motivo de alerta para muitos especialistas. Ainda não se pode dizer, contudo, que o país caminha para uma crise. O déficit em conta corrente está subindo, mas, como proporção do PIB, ainda não está fora de controle, avaliam os especialistas.